

## Fazer justiça ao texto

### Um encontro com Jean Laplanche em Buenos Aires

Ana Maria Sigal

Laplace demonstra que a teoria  
da sedução, reprimida, prossegue  
uma vida subterrânea na teoria.

**P**ara introduzir esta entrevista, gostaria de situar o que Laplanche entende por **trabalho da psicanálise**. Este conceito foi tema de várias de suas exposições e, portanto, pareceu-me redundante voltar a formulá-lo como pergunta na entrevista. Contudo, é importante referir-se a ele, porque no meu entender perpassa todo seu pensamento.

Laplanche menciona que a palavra trabalho é uma expressão cara a Freud, que nos fala de trabalho do sonho ou de trabalho do luto, e é uma noção que nos faz pensar também em trabalho de parto. É uma forma de dar à luz. É igualmente uma noção hegeliana. Não se trata de trabalho **sobre**; é também um movimento interior, como o de um móvel que trabalha em sua própria tensão, em seu ranger. Há uma tensão entre fazer trabalhar e deixar trabalhar. Fazer trabalhar Freud é uma forma de ajudar Freud a trabalhar; é deixá-lo ir

até o fim de suas hipóteses, de suas especulações, mas também de suas contradições e suas aporias. Laplanche coloca, como exemplo, que a teoria da sedução em Freud não é abandonada, mas reprimida; diz isto e demonstra que ela prossegue uma vida subterrânea na teoria. Propõe, portanto, fazê-la trabalhar em seu aspecto histórico e reprimido. Todo trabalho pressupõe uma transferência com o texto, enquanto este se nos propõe como enigmático, diz Laplanche; e ressaltá que o ecletismo não pode ser vencido pelo dogmatismo. Um confunde, o outro esteriliza. Propõe fazer trabalhar Freud, Melanie Klein, Ferenczi, Lacan, como uma

**Tradução:** Maria de Lourdes Caleiro Costa

Esta entrevista foi realizada em novembro de 1990, junto com **Marcos Mayer**, em reunião promovida pela revista "Trabajo Del Psicoanálisis" e "Zona Erógena". Agradeço a Silvia Bleichmar, que possibilitou esse encontro



# ENTREVISTA/DEBATES

forma de superar a oposição estéril das escolas, verdadeira praga do mundo analítico.

Não é pela via da fácil reconciliação, mas aprofundando cada uma das suas diferenças, que se pode fazê-las convergir assintoticamente.

A seguir, os principais trechos da entrevista:

**PERCURSO** — *A psicanálise faz algum trabalho sobre a cultura?*

**LAPLANCHE** — Falo de fazer trabalhar mais do que trabalhar; isso não quer dizer que descansemos (risos). Isso quer dizer que o pensamento psicanalítico deve retomar o movimento fundador, que é essencialmente o de Freud e também dos grandes sucessores; fazer um trabalho interno, não um trabalho exterior, sobre os autores psicanalíticos, assim como um trabalho interno em nossa própria teoria.

O trabalho da psicanálise está inserido na cultura e a modifica. Claro que, quando falamos de cultura, sabemos que falamos de uma cultura limitada, a cultura ocidental neste caso. Devemos estar conscientes de que nossa cultura ocidental não é mais que uma pequena parte da cultura mundial e em muitos lugares os problemas de sobrevivência são mais importantes que os problemas culturais.

A psicanálise francesa se distinguiu sempre por seus laços com outras coisas que não necessariamente a psiquiatria, no sentido estrito do termo. Nos Estados Unidos, onde a psicanálise francesa penetra, ela tem seus melhores contactos com a literatura e a filosofia e tem dificuldades para articular-se com a psicanálise norte-americana oficial.

**PERCURSO** — *A que se deve isto?*

**LAPLANCHE** — Creio que se deve a que a tradição francesa e a europeia em geral têm a tendência de não dividir o comportamento

do ser humano entre patológico e não-patológico; vêem a condição do ser humano em geral. Não só a psicanálise: se você toma os grandes psiquiatras, como Charcot ou Janet, eles fazem o mesmo.

**PERCURSO** — *Que pensa o senhor da psicanálise que interpreta os fenômenos sociais e culturais?*

**LAPLANCHE** — Este é um campo muito importante do pensamento psicanalítico; é um campo que não é de aplicação, é certamente um campo de descobrimento e investigação. No estudo dos fenômenos culturais, a psicanálise não traz do exterior seus conceitos, mas aprende com esses estudos.

“O trabalho sobre a cultura traz elementos fundamentais à teoria psicanalítica.”

O trabalho sobre a cultura é um trabalho tão nobre como o trabalho na clínica. É um campo de investigação que traz elementos fundamentais à teoria psicanalítica.

**PERCURSO** — *O senhor tem alguns trabalhos sobre estes temas, não é mesmo?*

**LAPLANCHE** — Sim. Trabalhei sobre Hölderlin, que era um grande poeta alemão. Não dediquei meu trabalho ao estudo dos fenômenos sociais. Nesses campos se corre o risco de fazer aplicações e não investigações.

**PERCURSO** — *Em sua conferência, o senhor fala de “fazer justiça”, referindo-se à teoria. O senhor pensa que há uma ética da teoria?*

**LAPLANCHE** — Absolutamente. Penso que, em todo momento em que fazemos trabalhar a teoria, há um aspecto interpretativo. Sem ser arbitrários, pressionamos em certas direções implícitas o pensamento, mais que o próprio pensador teria querido fazê-lo. Então, de certo modo, exercemos uma violência. Certamente Freud se teria espantado com certas interpretações de sua própria obra, tanto as de Lacan como as minhas próprias.

Penso que o ponto de fazer justiça vem colocar limite a essa violência. Depois de haver interpretado, há que se dizer: “Isto é meu e não de Freud” ou, ao menos, “Freud não teria aceitado o que digo a partir de seu texto”. Isso é o que eu chamaria fazer justiça no sentido de não torcer seu pensamento. Tomo um exemplo: Freud acreditava firmemente na origem histórica, pré-histórica e filogenética do complexo de Édipo. Para ele, não era um mito, era uma realidade; pensava que a horda primitiva e o cenário que ele descrevia haviam existido. Em nossos dias se diz que isso era um mito; isso é uma forma de não se fazer justiça ao que realmente pensava Freud. É necessário dizer: Freud pensava isso, e eu não estou de acordo. Essa é a diferença que se pode fazer entre interpretação e tradução. A interpretação, que é de certo modo livre, deforma o pensamento do autor; mas, em dado momento, é preciso voltar a este mesmo pensamento e dizer: “Eu não estou de acordo com o que ele disse”. No momento da tradução, há que se dizer realmente: “Ele disse isso e não outra coisa”.

**PERCURSO** — *Esta posição de fazer justiça o levou à polêmica com outros autores psicanalíticos?*



**LAPLANCHE** — Sim, sim. Penso que Lacan é um grande interpretador de Freud, mas não faz justiça. Ele privilegia o momento da interpretação: há um Freud lacaniano. Eu penso que falta fazer justiça. A tradução é uma disciplina que nos obriga a fazer justiça e exige de nós não colocar em primeiro plano nossa interpretação. Uma tradução, no sentido nobre do termo, não deve priorizar a interpretação; deve deixar ao leitor a interpretação. Deve restituir o autor até o mais próximo possível de sua verdade, de seus erros ou de suas ambigüidades. Digo isso do lugar de quem está trabalhando há dez anos sobre a tradução de Freud para o francês.

**PERCURSO** — *Qual foi sua participação no seminário de Lacan e como foi a ruptura?*

**LAPLANCHE** — Eu participei do movimento lacaniano; o seminário foi só uma parte dele. Fui paciente de Lacan e participei da primeira sociedade que efetuou a ruptura com a Sociedade de Psicanálise de Paris, junto com Lacan, Lagache, Dolto...

A ruptura pode situar-se tanto no plano intelectual como institucional. No plano intelectual ela vem, desde o colóquio de Bonneval, no qual ainda estava próximo de Lacan, mas começava a marcar minhas diferenças com respeito a seu estruturalismo, particularmente com a idéia de que o inconsciente está estruturado como linguagem.

A ruptura institucional foi triste; de certo modo, Lacan não fez nada para que não ocorresse. Mantive-me sempre em boa relação com Lacan e tive o prazer de saber que, quando alguém do estrangeiro vinha ver Lacan e lhe perguntava "O que tenho que ler?", ele respondia: "Leia Laplanche". Mantive um grande respeito e interesse por sua obra, mas penso que, quanto à esta obra, também

se tem que fazê-la trabalhar. Muitos lacanianos repetem mais que fazem trabalhar.

**PERCURSO** — *O senhor manteve alguma polêmica com os lacanianos?*

**LAPLANCHE** — Não. Em geral não gosto de polemizar. Gosto mais de trabalhar e fazer trabalhar; não sou homem de congressos, sou homem de investigação e atualmente de ensino.

**PERCURSO** — *O que é para o senhor a psicanálise: uma teoria, um método, uma terapia, uma filosofia...?*

**LAPLANCHE** — Por que não

"Cada sujeito tem um modo próprio de teorizar-se; há uma autoteorização do ser humano, isto é, o modo em que cada homem se teoriza a si mesmo."

retomar a definição de Freud, na qual a psicanálise é fundamentalmente um método, um método para descobrir fenômenos que sem esse método seriam inacessíveis? Portanto, para Freud, em primeiro lugar, ela não é nem uma terapêutica nem uma teoria, mas o descobrimento de um novo domínio do ser humano, isto é, o inconsciente. Isso tem implicações filosóficas consideráveis, mas não quer dizer que seja uma filosofia. Retomo a definição de Freud, pela qual a terapêutica e a teoria são o derivado de um descobrimento

fundamental, de uma terra desconhecida.

Na linha que pretendo desenvolver, a teoria é uma espécie de barreira contra a intrusão da teoria na prática. Cada sujeito tem um modo próprio de teorizar-se; há uma autoteorização do ser humano, isto é, o modo em que cada homem se teoriza a si mesmo. A psicanálise tem de respeitar a profunda originalidade do paciente; o grave é que há terapêuticas impregnadas de teoria: a teoria passa diretamente à prática. A interpretação tornou-se uma interpretação a priori. Melanie Klein sabe antecipadamente o que vai dizer a respeito de uma criança. Há uma piada de um paciente que chega apressado no consultório de Melanie Klein e encontra outro paciente saindo. Esse diz ao primeiro: "Você está apressado..." e o primeiro lhe responde: "Sim, estou chegando atrasado e já perdi a primeira interpretação". "Acredito no mesmo para os lacanianos — ao menos para alguns.

Na linha que tento defender, não é a teorização psicanalítica que deve ocupar o lugar da autoteorização, isto é, o modo em que o ser humano simboliza sua própria existência. A teoria tem de respeitar o paciente e sua originalidade. Nesse sentido, falo de uma santidade necessária ao psicanalista, santidade necessária ao saber e ao poder. Quanto ao saber, deve recusar-se a saber por antecipação a verdade do paciente. Para o paciente é o suposto saber, e, para si mesmo, deve rejeitar esse saber no tratamento.

A outra santidade é em relação ao poder. Vejo demasiado frequentemente o uso a psicanálise com fins de poder. A utilização da psicanálise com fins de poder já começou com Freud; é a utilização a fim de estender seu poder pessoal.



# ENTREVISTA/DEBATES

**PERCURSO** — *O senhor se refere a que o psicanalista deva ser uma espécie de santo da psicanálise?*

**LAPLANCHE** — Sim, mas a esse respeito é necessário resistir às tentações (sorrisos).

**PERCURSO** — *Por quais autores franceses, psicanalistas ou filósofos, o senhor tem mais simpatia?*

**LAPLANCHE** — Certamente por algumas linhas filosóficas, como o trabalho de Deleuze e Lyotard.

**PERCURSO** — *O que pensa dos trabalhos de Deleuze em relação à psicanálise?*

**LAPLANCHE** — No que diz respeito a esse trabalho, ele esteve bastante influenciado por Guattari. Não é forçosamente o melhor que fez Deleuze; prefiro-o como pensador afastado da psicanálise.

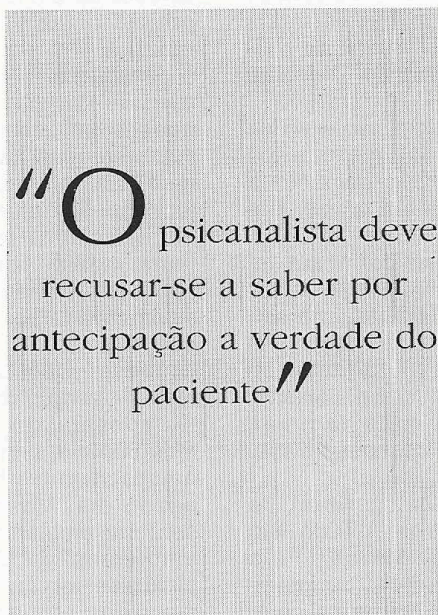
**PERCURSO** — *Antes de terminar, gostaria de voltar um pouco atrás e lhe perguntar que questões clínicas o levaram a suas novas teorizações, como o conceito de significante enigmático, ou a teoria da sedução generalizada?*

**LAPLANCHE** — Não posso dizer que sejam somente questões clínicas. É, certamente, uma reflexão sobre a situação do tratamento; ao contrário, creio que há um campo de investigação clínica que pode ser fecundado pela teoria da sedução generalizada. Citarei dois exemplos: a psicanálise de crianças tanto neuróticas quanto psicóticas, e a investigação que se abre à reavaliação da sexualidade feminina, liberando-a da hipoteca estruturalista freudiana. Falo com isto da dominância do complexo de castração.

**PERCURSO** — *Como fazer trabalhar o pensamento clínica-teoria-clínica e teoria-clínica-teoria?*

**LAPLANCHE** — É a história do ovo e da galinha. A oposição é um

tanto artificial, porque o que chamaram clínica não pode ser enunciado sem um ponto de vista teórico. Nesse sentido, digo que a clínica é teórica. É um ponto de vista que organiza os fatos. Não há uma observação pura dos fatos. É uma ilusão de todas as ciências, uma ilusão empirista que consiste em crer que existem os fatos puros. Nenhum fato pode ser percebido, exceto no próprio referencial da teoria. Para responder no que concerne ao caminho do meu pensamento, direi duas coisas. Tratei de descrevê-lo como um caminho em espiral de apro-



fundamento, repassando, voltando a passar por um mesmo problema, levando-o a um nível diferente. Mas, por outro lado, meu trabalho se faz um pouco sem trabalhar, isto é, sem trabalho consciente. Quero dizer que muitas coisas se fazem inconscientemente ou pré-conscientemente.

**PERCURSO** — *A própria conceitualização não é um ato de poder sobre os fatos?*

**LAPLANCHE** — Toda conceitualização é um ato de poder. Tratei de dizer isso com relação à clínica, mas o que trato de explicar é que

há uma teorização cuja meta é evitar a teorização na prática.

**PERCURSO** — *Assim como se fala de analistas kleinianos e lacanianos, podemos falar de analistas laplanchianos?*

**LAPLANCHE** — Sua pergunta arranha minha modéstia, mas não quero escapar a ela. Penso que desenvolvo uma linha de pensamento novo, que se origina em Freud, mas desenvolve pontos de vista que foram reprimidos em Freud. Eu trago uma série de concepções que formam um todo. Minha diferença com os kleinianos e lacanianos é que os laplanchianos não deixam passar o laplanchismo para a sua prática; há um modo de respeitar o paciente sem impor-lhe categorias laplanchianas. Não falam ao paciente em tratamento do significante enigmático.

**PERCURSO** — *O senhor sai pouco da França: por que veio à Argentina?*

**LAPLANCHE** — Sim, saio pouco da França porque dar uma conferência aqui e outra ali, participar de uma mesa-redonda, falar em um congresso, é uma manifestação efêmera, sem conseqüências, frustrante, e atrapalha o trabalho profissional. Mas vim à Argentina porque as condições são diferentes: aqui há pessoas que trabalham com meu pensamento. Quando não é assim, é como atirar uma garrafa no mar sem saber o que vai acontecer com ela. Fui há pouco à Inglaterra, nas mesmas condições, para trabalhar com pessoas que conhecem bem minha obra; ali partimos de algo já assentado, o que nos permitiu progredir e ter interlocutores que estavam a par do que eu desejava dizer. Nesse sentido, devo prestar uma homenagem aos que aqui desenvolveram meu pensamento, como Silvia Bleichmar, Carlos Schenkerman e Rafael Paz, que fizeram deste um encontro produtivo e afetivo.